

Ser homossexual no Brasil e não, o "ser" homossexual Brasileiro **3**

Julio Cesar Cordeiro Nascimento*

Este trabalho é uma tentativa de pensar e “por em palavras” alguns fenômenos econômicos, sociais, culturais e políticos todos relacionados ao campo semântico homossexualidade-homoerotismo e à cena gay brasileira, os quais parecem suficientemente próximos no tempo e com repercussões suficientemente significativas, para podermos falar de algo da ordem de um processo. Pensar em processo não significa aqui pensar numa entidade auto gestora e transcendente, mas como na metáfora jurídica, pensar em um “ajuntar-se de coisas” não aleatório, conhecimentos correlacionados, sujeitos a toda sorte de forças, e resignificados a todo momento ao revelar-se de novos fatos: processo este sempre possível de uma investida interpretativa, a qual por sua vez redefine e redescreve a própria lógica processual.

Entendido como processo macro-histórico desejaríamos analisar, a posteriori, que repercussões a nível do sujeito podem estar neste momento histórico se engendrando, a saber, sobre que bases e a partir de quais lógicas se constroem explicita ou implicitamente, intencional ou casuisticamente

* Psicanalista. Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduandos em Psicologia Clínica da PUC-SP. Pesquisador do Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Núcleo de Psicanálise da PUC-USP. Bolsista do Programa Especial de Treinamento PET-CADES.

a noção de um “sujeito homossexual”. Desejamos questionar ainda a própria legitimidade de se falar em subjetividade homossexual em oposição a subjetividade heterossexual.

O HISTÓRICO

Ao tentarmos narrar fatos numa seqüência cronológica, nos apercebemos do que é próprio do histórico, a saber, que datas, inícios, seqüências são construídas pelos próprios agentes ou atores sociais, que num ato recente no tempo ressignificam e redefinem posições daquilo que já aconteceu, reconta-se assim o passado e recria-se a história.

Um exemplo disto é a matéria publicada no último domingo pela Revista da Folha, que tomou 9 páginas deste veículo de comunicação:

“Com o 1º festival de manifestações das sexualidades (93), o designer gráfico André Fischer e a jornalista Susy Capó, 32, levam a atitude gay para dentro de uma instituição pública, o Museu da Imagem e do Som de São Paulo. Tá? Era o que faltava pro povo todo se animar e ganhar espaço. Deu tão certo, que nem o olho gordo de sempre atrapalhou a segunda versão do festival (94). Um sucesso de fila, vendas e mídia.

Virou conceito (Mix Brasil), virou revista (Mix Magazine), virou cartão de crédito (Club Mix), virou moda (Mundo Mix), virou consumo (Mercado Mix)”.

Assim os arautos oficiniais da história demarcam um início, um marco no tempo, o 1º MIX Brasil em 1993, Festival de Manifestações da Sexualidade; este ato lingüístico, que transforma este festival de cinema e vídeo em ato político social, funcionando ao meu ver como uma construção em análise, a qual destina-se a por em associação eventos da memória e das lembranças do paciente, é uma construção mítica para preencher lacunas da história rememorada, dando-lhe sentido. As construções em análise são tão legítimas quanto maior for a capacidade de analisando associar a partir delas, de produzir deslocamentos, insights, e falas plenas de significado e afeto, em poucas palavras: por em andamento o trabalho analítico de perlaboração. É neste sentido que esta versão da história se parece com uma construção em análise, uma vez que é uma construção mítica que visa preencher lacunas de história do movimento gay brasileiro, afirmando que algo foi engendrado de novo desde aquele Festival em 1993, redefinindo a história e produzindo novos atos lingüísticos, novos discursos e novas escritas sobre o assunto, em

resumo pondo em movimento as mais diferentes produções simbólicas sobre o tema.

Neste festival de cinema, além da mostra de filmes divulgada prioritariamente pela Folha de São Paulo e pela MTV, foi realizada uma pesquisa com o objetivo de traçar um perfil sócio econômico do público do festival. A grande maioria se definiu como homossexual e ao responder uma série de perguntas como: “você tem microondas?”, “você tem casa própria ou carro?”, esse público definiu-se e foi definido como pertencente a uma privilegiada “classe média alta brasileira”, leia-se consumidores em potencial.

OS GAYS TEM CELULAR

A divulgação desta pesquisa na mídia, mais ou menos no mesmo período que algumas matérias foram exibidas pelo Jornal Nacional sobre a descoberta do Filão gay de consumo pelo mercado norte americano a ainda divulgação do processo de empreendimentos semelhantes no Brasil, como por exemplo, a criação da Get Together Travel, uma agência de turismo voltada ao público gay, impulsionou a criação de uma série de empreendimentos comerciais e uma estratégia de marketing voltada à comunidade gay.

Hoje este público é visto como um mercado consumidor em potencial e a cada dia aumentam as iniciativas privadas de captura do “antílope de celular”.

É importante lembrar a essa altura que a redefinição de valores e normas sociais estão sempre associadas a pressões do poder econômico ou a variáveis econômicas. Como no caso do movimento feminista que ganhou forma conjuntamente com a constatação da necessidade de aproveitar e absorver a força de trabalho da mulher.

Assim, se pensarmos a crescente visibilidade da homossexualidade na mídia como um processo, temos que considerar a multideterminação destes fenômenos, neste sentido é possível avaliar esses acontecimentos também sobre o prisma econômico, considerando as vantagens e desvantagens que se produzem quando um grupo social se apresenta como sendo um grupo consumidor e influente na economia de um país.

OS GAYS TAMBÉM VÃO AO CINEMA

Foi nisso que apostou José Rosemblit o distribuidor do Filme “Priscilla, a rainha do deserto” (Oscar de melhor figurino): “não sei quantos gays existem no Brasil e se conseguisse atingir só eles já estaria satis-

feito”. Apostou e ganhou, pois só na primeira semana em cartas Priscilla foi vista em São Paulo por 19 mil espectadores. Este record foi analisado por uma matéria da revista isto é, onde Ivan Cláudio afirma que os filmes como: “Banquete de Casamento”, “Morango e Chocolate” e “Priscilla”, mostraram que há um público antes não imaginado que lota salas de cinemas durante semanas, que compra trilhas sonoras e todos os produtos e serviços que vem a rebote de uma produção cinematográfica. Segundo Ivan Cláudio:

“O filão está estabelecido há algum tempo no Exterior e, aos poucos, vem se configurando nas principais cidades brasileiras”,

passando a descrever uma série de acontecimentos que demonstram segundo este jornalista que a “cultura alegre” é uma das novas tendências no consumo de Artes e Espetáculos, “O universo gay abandona o gueto e conquista um público maior nas diferentes produções artísticas”. Cita dentre outros o investimento de US\$ 220 mil na montagem brasileira de Angels in América, uma peça que discute vários tópicos a partir do surgimento da AIDS, a receptividade do disco do Renato Russo “The Stonewall Celebrati on Concert”, que já vendeu 60 mil cópias, onde segundo o próprio Renato Russo estão “canções de amor, eu cantando para outro cara”, e ainda o sucesso da turnê brasileira do Grupo Pet Shop Boys que se apresentou com casas lotadas no Rio e em São Paulo, cantando músicas que descrevem situações homossexuais que no show foram ilustradas por audaciosos efeitos cênicos. Estas seriam algumas evidências de que a produção artística que investe na temática da homossexualidade encontra hoje um público mais aberto e receptivo.

Correndo o risco de sermos óbvios podemos afirmar que as produções artísticas que reconstroem o imaginário fantasmático da homossexualidade encontram eco e retorno em algum lugar na sociedade, ou seja, existem pessoas com demanda de ver e identificar suas fantasias sexuais, suas histórias e seus amores ditos “homossexuais” por via artística.

OS VEÍCULOS OFICIAIS DA COMUNICAÇÃO

Até o ano de 1993 as publicações que eram dirigidas ao público gay podiam ser classificadas em 2 grandes grupos: publicações eróticas, incluíam revistas pornôns, revistas de contos eróticos, etc. ou publicações locais, em geral manifestos ou pequenos jornais de pequena circulação, na sua maioria de grupos de militância.

A partir de 1993 a Revista da Folha, encarte da edição de domingo da Folha de São Paulo, passou a dedicar uma página e matérias de inte-

resse da comunidade gay, no final de 1994 este espaço era de duas páginas e em março de 1995 uma das edições editou nove páginas.

Iniciativa semelhante foi a própria Mix Magazine, publicação do Club Mix que apesar de também ter uma circulação restrita, tem algumas características de um veículo de comunicação de grande porte: anunciantes, serviços de assinatura, parcial divulgação e circulação fora do estado de origem.

Mas parece mesmo que o marco nesta área ficou reservado a Sui Generis, “a primeira revista brasileira a trazer discernimentos sérios e futilidades chics dirigidas para homens e mulheres gays. Mas sem exclusividade”, segundo o próprio editor da revista Nelson Feitosa. O importante é que mesmo sendo discutível o fato de que a Sui Generis é ou não a primeira revista do estilo, certamente não pode ser colocada em questão o mérito de que esta é a primeira publicação mensal do gênero com circulação nacional, contando com anunciantes de peso como a EMI, CD & Cassete; em outras palavras: a primeira revista de cultura gay que pode ser encontrada nas bancas como qualquer outra que não é pornoerótica. Isso parece uma obviedade, mas é um ato simbólico de ocupação de um espaço de escrita, que oferece uma escolha como a de comprar Playboy ou comprar Veja, nenhuma delas é melhor a priori, o que é escravizante é não poder escolher, não poder construir uma imagem identificatória a partir de modelos diversos.

A publicação da Sui Generis é um ato de efeito performativo sobre a cultura, e portanto é um ato político.

“Nossa intenção é levar a cultura gay de forma vibrante, inteligente, alegre, para fora dos guetos. Dar nossa contribuição, oferecendo um jornalismo de qualidade, para que surja em breve uma consciência social mais generalizada de que nossas semelhanças são maiores que nossas diferenças”, analisa Nelson Feitosa, deixando entrever que os próprios atores sociais envolvidos no projeto se representam com agentes de mudança e conscientização social.

KATIA, A RAINHA DA CAATINGA

Foi parodiando o filme Priscilla que a Folha de São Paulo analisa a transformação de um travesti em líder político no sertão nordestino: José Nogueira Tapeti Sobrinho, 42, codnome Kátia se elegeu pelo PFL, sendo o segundo vereador mais votado no município de Colônia, Piauí. Na câmara, Kátia exerce o posto de 1º secretário, é tratado par “ela” e freqüenta sessões vestida como as suas duas colegas vereadoras.

Kátia assiste aos carentes, arranca dentes, aplica injeções, ajuda partos, cuida de crianças, distribui comida, esclarece sobre a AIDS, milita na Câmara e gasta os R\$ 266,00 que recebe com caridade.

“Ela conseguiu com a sua competência, eliminar essa coisa de ser homem ou mulher” declara o presidente da Câmara, Elias da Costa Souza (PPR), 63, que á principio estranhou a candidatura de Kátia.

Kátia acredita que venceu o preconceito com seu trabalho a provou que os eleitores reconhecem esse trabalho através do voto na uma apesar dos a dversários terem alegado durante a campanha que a sua candidatura seria cassada por proibição da lei.

Parece que só nestes últimos dois anos é que a classe política começou a se aperceber de que a comunidade gay a seus simpatizantes são uma força política, uma massa de eleitores a ser conquistada, e é nisto que apostou o PT. O partido dos trabalhadores possui hoje uma “facção gay”, e nas últimas eleições fez campanhas com folhetos especialmente preparados para este tipo de eleitor. A psicanalista Marta Suplici fez campanha nas principais boates gays de São Paulo defendendo principalmente o casamento entre homossexuais; foi eleita e é bem provável que boa parte de seus votos tenham sido de pessoas identificadas a essa questão. A deputada federal prepara um projeto sobre a legalização da união entre homossexuais: “Não vejo empecilho em um casal homossexual adotar uma criança, mas o Brasil ainda é conservador com esses temas, temos que ir por etapas”.

A questão que por vezes passa despercebida, é que os deveres para com estado não são diferentes para pessoas de orientação sexual diferentes, mas os direitos tem sido negligenciados diferencialmente a partir de uma lógica das diferenças sexuais.

Kátia provou que o direito a eleição pode ser reivindicado a democraticamente garantido, mas o direito ao casamento entre homossexuais ainda está para ser conquistado. O interessante a ressaltar é que essa discussão está finalmente no âmbito das instituições governamentais, não é mais só uma discussão moral ou religiosa, mas uma discussão política, jurídica e legislativa.

Mas nem só de conquistas vive o movimento homossexual brasileiro, segundo a Folha de São Paulo: “No ano passado (1994), em Coqueiro Seco (AL), o vereador Remildo José dos Santos, que se dizia homossexual, foi esquartejado por inimigos que o aceitavam. Ele teve a cabeça jogada num rio e partes do corpo espalhadas pela cidade”. Tragédias a parte, este não é um fato isolado. Segundo pesquisa feita pelo antropólogo Luís Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia um homossexual é morto no Brasil a cada 4 dias. Este estudo vai virar denúncia internacional; através do relatório “A violação dos direitos humanos de Gays e Lésbicas no Brasil”, que será lançado no final do ano em São Francisco (EUA).

Segundo Mott a maioria das vítimas sofreu algum tipo de tortura, comp tesouradas superficiais, depilação, raspagem da pele, espancamento e até castração.

Entretanto novamente é significativo que estes sintomas sociais constem de uma escrita oficial, dirigida a um interlocutor institucionalizado, assim a violência, o preconceito e a desigualdade, ganham uma palavra desimediatizadora e socializadora, abrindo-se espaço para atos políticos transformadores. Inscreve-se o laço social perverso numa outra cena que não a do imaginário sexual, permitindo-se deslocamentos simbólicos, e produção de novos pensares e aprofundamento dessas questões. O sintoma da lógica da exclusão, é assim investigado, ampliado e relacionado com outras instâncias e processos sociais, facilitando o reconhecimento, a identificação e a cumplicidade de toda a sociedade, uma vez que toca em valores mais abrangentes com os quais nossa sociedade gosta de se representar.

O NÃO DITO

Parece-nos claro que diante dessas evidências podemos falar de algo da natureza de um processo, obviamente não importa aqui a objetividade dos fatos, mas os discursos que se produzem sobre eles, neste sentido não há dúvida de que exista sim um discurso sobre cena gay, movimento homossexual brasileiro, conscientização da homossexualidade. cidadania gay, militância homossexual e uma série de significantes que formam uma cadeia associativa, um campo semântico por onde deslizam os possíveis sentidos do “ ser homossexual no Brasil”, uma construção lingüística que visa configurar uma subjetividade homossexual valorativamente positiva. aceita despatologizada, despreconceitualizada, instituída através da conscientização dos indivíduos e da sociedade.

Desta forma os GLS, gays. lésbicas e simpatizantes, termo oficializado pela cultura Mix, promoveriam uma cruzada nacional em prol do respeito às diferenças e às minorias sexuais.

Podemos dizer que há um discurso enlaçado pelo campo semântico cena gay-homossexualidade-homoerotismo.

Esse discurso ou esses discursos enquanto performances lingüísticas produzem vários efeitos: políticos, sociais, culturais, dentre outros, mas nos interessa especialmente o fato de que quando falamos disso (ou por isso) constituímos um “sujeito-, ou seja, cada vez que a palavra gay ou homossexual é empregada para descrever fenômenos supostamente referentes a uma mesma classe de indivíduos constitui-se nesse momento um lugar para estes indivíduos, constitui-se um modo de subjetivação, uma posição a ser ocupada, um papel social. um lugar na cena social, uma posição subjetiva.

É cedo ainda para sabermos quais as características, traços, ou sentidos que são reservados a este lugar, mas certamente podemos afirmar que a construção deste lugar se faz sobre a crença axiomática de que estes indivíduos são em alguns níveis iguais, sendo que esta igualdade implícita e inconscientemente é sentida de alguma forma como central da constituição da “individualidades” ou “personalidades-”, reinventando-se e reificando-se assim a noção de indivíduos “homossexuais” em oposição ao seu outro complementar os indivíduos “heterossexuais”. Podemos afirmar também, grosso modo, que esta divisão imaginária se faz a partir de uma lógica disjuntiva: ou um, ou outro, assim existem duas posições mutuamente excludentes: ou se é “homossexual” ou se é “heterossexual”. Neste jogo narcísico ou se é o escolhido ou se é o preterido.

Bleichmar em seu livro “O Narcisismo - estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente- demonstra como essa lógica operatória é própria da lógica do ego ideal.

“O ego ideal, a nesse sentido um enorme edifício assentado sobre um pilar que ao manter a estrutura total, pode provocar seu desmoronamento no caso de se quebrar”.

Assim a escolha sexual é o atributo suporte do ego ideal contemporâneo, perdendo-se o interesse por toda a história inconsciente das identificações para focalizar uma das representações do Eu como sendo a pedra de torque da identidade do sujeito. Desta forma o atributo diferenciador dos sujeitos, é tornado como sendo a totalidade da representação do sujeito, assim o juízo e a reação afetiva que a parte merece passam a ser patrimônio de todo.

Então prossegue Bleichmar “mas que significado possui dizer que uma valoração estende-se de uma representação para outra’?... O atributo suporte do ego ideal põe em ação a capacidade do enunciante para classificar segundo a Seguinte regra operatória: todo atributo sobre o qual recaia a atenção será avaliado dentro de categorias que implicam aceitação e nelas ficará situado no grau máximo de aceitação”.

O que proponho aqui é que essa lógica funcionaria também para o discurso da homossexualidade.

Nesses discursos o pilar de sustentação dos sujeitos é a escolha sexual. O discurso do preconceituoso coloca como pilar de sustentação narcísica a “heterossexualidade” a qualquer atributo avaliado sobre a lógica terá aceitação máxima. em contrapartida a “homossexualidade” configuraria o lugar da rejeição, máxima, o lugar do outro, do estranho. Assim só haveriam dois únicos lugares o bom e o mau, o Eu e o Outro, o cidadão e o Bárbaro.

O discurso do preconceituoso assevera a diferença e marca uma valoração, restando a diferença e marca uma valoração, restando assim um lugar escravizante, desvalorado e totalizado, para aqueles que se tornam como destinatários deste discurso.

Como bem resumido Jurandir Freire Costa: “Assim a construção de subjetividades ideais implica, ipso facto, a figura da antinorma ou o desvio do ideal, representada pelos que não podem, não sabem ou não querem seguir as injunções ideais. A esses, diz Freud, é reservada a posição de objeto de desejo de destruição da maioria que em nome da norma ideal outorga-se o poder de atacar... É o mecanismo da rivalidade em torno do narcisismo das pequenas diferenças”.

Entretanto parece ser digno de nota que o discurso da conscientização gay, o qual é endereçado ao enunciante agressor da figura da antinorma, vai na direção de dizer mais ou menos assim: “Eu sou homossexual mas sou tão bom quanto você, nem melhor nem pior, apenas diferente”.

Ora, o que é falho desta estratégia é que tentar-se mudar a valoração sem mudar a regra de enunciação, a saber, que só há dois lugares possíveis. Reinverte-se libidinalmente o sistema lingüístico de crenças que deu origem à montagem imaginária na qual a escolha sexual é o traço fundante do sujeito, onde repousa o pilar de sustentação narcísica, a base da diferenciação e separação dos sujeitos em dois grupos distintos e internamente coerentes, ou seja, mantém-se o critério pelo qual engendra-se a diferença, só que desta vez, com a ilusão de que a mudança da valoração afetiva romperia a lógica da exclusão e do preconceito.

Freud numa nota de rodapé acrescenta em 1915 aos três ensaios questiona justamente a existência destes dois grupos.

“A pesquisa psicanalítica se opõe com o máximo de decisão que se destaquem os homossexuais, colocando-os num grupo à parte do resto da humanidade, como possuidores de características especiais... Assim do ponto de vista da psicanálise o interesse sexual exclusivo de homens por mulheres também constitui um problema que precisa ser elucidado, pois não é fato evidente em si mesmo, baseado em uma atração, afinal, de natureza química”.

O que Freud insiste aqui é que não há porque considerar a homossexualidade um significante sobre o qual devam se render todos os outros atributos de um sujeito, o que justificaria a criação de um grupo de indivíduos portador de características especiais, não há essa classe especial de indivíduos com suposta características semelhantes, a homossexualidade não é uma categoria da clínica psicanalítica.

É nesta direção que percebemos que não basta dizer “somos diferentes, mas temos igual valor”. É preciso sair do registro do igual X diferente, sair desta questão da igualdade e diferença via “escolha sexual”. Ou haveria um tipo homossexual de escolha de objeto?

A propósito desta questão Jurandir Freire Costa demonstra, em seu livro sobre homoerotismo, que o homossexual é definido como sendo aquele indivíduo com “escolha do objeto homossexual”, isto é, possui atração por pessoa do mesmo sexo, “mesmo sexo” entendido como mesma

realidade anatômica!? Ele então questiona exatamente o que é este “mesmo sexo”, uma vez que para a psicanálise, grosso modo, não faz sentido falar de feminino e masculino através de critério biológicos. O que Jurandir nos relembra nesta discussão é que “um mesmo sexo anatômico pode ser suporte de diversos investimentos eróticos” e que “o mesmo sexo, anatomicamente descrito, nem sempre é o “mesmo” eroticamente investido. No que concerne a finalidade do desejo a realidade anatômica é fragmentada na pluralidade dos objetos parciais e são objetos que determinam as características da estrutura psíquica”.

O que é forte neste discurso é que a lógica da diferença entre “homossexuais” e “heterossexuais” só se sustenta no plano anatômico imaginário, logo o discurso do preconceituoso e o discurso da “conscientização gay” só se sustentam sobre a lógica da diferença anatômica dos sexos.

Mas negar a existência da homossexualidade em oposição a heterossexualidade não seria a negação da diferença dos sexos? Ou um indivíduo homossexual não seria em última análise um indivíduo homossexual não seria em última análise um indivíduo que tenta negar a castração ao negar diferença de sexos?

Penso que não, pois é preciso sim reconhecer e suportar as diferenças, suportar o outro estranho e familiar a mim, entretanto cabe-se questionar a que nível reside e se sustentam realmente as diferenças.

Daniela Ropa resumiu esta discussão de maneira pontual:

“Com Freud e Lacan, vemos que a questão da sexuação no ser humano não está referida à presença ou ausência do pênis, mas sim à dialética fálica. O falo sendo aqui entendido como o referente simbólico máximo que aponta para uma diferença: não simplesmente para a diferença anatômica, mas para a diferença mais radical e mais trágica, própria ao ser humano - aquela que fala de sua falta e de sua incompletude. É esta a “diferença” que nos lança em nossa eterna busca desejante; nesta procura incessante que só vai se satisfazer parcialmente através do amor - ilusão necessária de completude que move o desejo e vem fazer barreira contra a morte e a ausência de sentido”.

E é por isso que com frequência ouvimos na clínica psicanalítica o depoimento de pessoas que por se tornarem como destinatários do discurso da homossexualidade, e que por se representarem e se auto definirem homossexuais queixam-se de não poderem amar, que “este mundo gay é promíscuo”, “que ninguém quer relacionamento sério”.

Entretanto quando tomamos pela linguagem falamos de um lugar livre das injunções defensivas. irrompe-se com frequência a percepção interna da dor, da ausência de sentido e da falta do amor, e é nestes momentos deslizantes que se vislumbra a falta para ser, a qual leva o sujeito a fazer um pedido legítimo de análise, para relembrar sua história, recontar suas mazelas e se reposicionar frente as suas fantasias, lançando-se para o infinito da linguagem, onde se aspira uma nova construção narrativa de si a dos outros, uma mitologia poética de sua própria história, uma tentativa de suportar seu próprio desejo.

É neste sentido que para um psicanalista não faz sentido falar de um paciente homossexual, pois o que há de fato é sempre um sujeito que narra sua história, um sujeito do inconsciente, um sujeito desejante.

É nesta direção que acredito que a reificação de uma categoria psicopatológica homossexual é muito próxima da metáfora de Manoel Tosta Berlinck de “modelos prêt-à-porter”, modelos psicopatológicos prontos para enquadrar os nossos pacientes, obturar nossa escuta e aliviar nossa angústia diante do outro estranho que aponta para nossa falta de saber.

De acordo com Berlinck a clínica psicanalítica solicita um modelo de “alta costura- para cada cliente:

“Essa solicitação pelo clínico, pelo clinicar, envolve seguramente um debruçar-se, um inclinar-se sobre o sujeito para escutar sua fala, aquilo que diz na relação transferencial desde um lugar sem rótulos, que resiste à própria classificação psicopatológica em direção a uma “veste” feita com exclusividade para ele, que lhe sirva bem e que lhe dê toda a liberdade possível em relação às classes que não lhes são próprias e que lhe dificulta o movimento psíquico”.

Assim dizer que um cliente nosso é homossexual não diz nada deste sujeito, não diz da transferência, não diz do inconsciente, não diz do conflito não diz da resistência ou melhor quase não diz da resistência, pois diz sim da resistência do analista de se “desvestir-se das vestes psicológicas existentes para escutar o sujeito o que deixa o psicoterapeuta com uma sensação de nudez, de nada saber de fragilidade, da confusão, etc.”

Jurandir Freire Costa em Inocência e Vício afirma que o “emprego frequente do termo (homossexual) leva-nos a crer que realmente existe um tipo humano específico designado por esse substantivo comum... A particularidade do homoerotismo em nossa cultura não se deve à pretensão uniformidade psíquica da estrutura do desejo comum a todos os homossexuais, deve-se, sugiro, ao fato de ser uma experiência subjetiva moralmente desaprovada pelo ideal sexual da maioria”.

O Jurandir relembra de Freud é que não há essa “substância” ou “essência” comum a todos os indivíduos que se representam ou são definidos como homossexuais.

Não há desta forma possibilidade de “conscientização gay” enquanto se insistir no aspecto valorativo da questão, sem se ater e questionar a própria lógica da construção destes dois lugares imaginários.

Estas classificações nada dizem das vivências, das dores, e das produções simbólicas dos sujeitos particulares.

Qual é a função destas classificações? Não posso responder melhor que Daniela Ropa.

“A que servem “ e aqui penso em termos éticos e morais todas estas classificações a partir das quais pensamos poder resumir e definir de vez a identidade das pessoas? Sendo que as classificações em “espécimes sexuais” parecem valer mais ainda para os que divergem das normas. Estas, então serão interpeladas quase unicamente em nome de seus gostos, inclinações ou escolhas sexuais. Deixarão de ser bons trabalhadores, amigos, cidadãos, maridos ou esposas, pais ou mães, para se tornarem, quase única e exclusivamente, homossexuais, bissexuais, travestis, etc., e toda a longa lista dos que se encontram no limbo, acusados de algum desvio moral ou patológico. Nossa sexualidade poderia representar um potencial para a escolha, para a mudança e para a diversidade. No entanto, nós a transformamos num desvio. naquilo que mais nos aprisiona. Nutri destino para “nós” e num inferno para os “outros”, para os que ousaram questionar os limites da prisão”.

Minha leitura do texto de Daniela não vai na direção de uma clínica da vitimização, uma vez que acredito que as piores prisões são aquelas que construímos através das teias e tramas inconscientes, ao nos deixarmos tomar como destinatários do discurso totalizante do outro. A questão é que a sexualidade “poderia representar um potencial para a sua escolha, para mudança e para diversidade”. como Ronaldo Pamplona deixa entrever em seu livro “Os Onze Sexos” usando a metáfora do “caleidoscópio”, no qual basta um novo giro para “fazer surgir as mais diversas imagens da sexualidade humana”.

Numa frase não acredito ser legítimo falarmos de uma subjetividade homossexual.

E foi isso que falou (por) Judy Nelson, miss Texas, namorada de Martina Navratilova:

“Passei toda a minha vida a sombra de um homem. Quando me dei conta, estava a sombra de uma mulher”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BLEICHMAR, H. (1987). *O Narcisismo - Estudos sobre Enunicação e a Gramática Inconsciente*. Porto Alegre, Artes Médicas.
2. FREUD, S. (1915). Três Ensaíos sobre a Sexualidade in *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro. Imago.
3. JACKSON, A. (1995). Gay - Um roteiro pra quem frequenta in *Revista da Folha*, nº 153. Encarte da edição de domingo da Folha de São Paulo, 26 de março de 1995.
4. MIX, Magazine. *A Revista do Club MIX*. Ano 1, nº 0 e 1. São Paulo. Arte Digital.
5. FEITOSA, N. (1995). *Sui Generis* nº 1. Rio de Janeiro, Gráfica JB.
6. CLÁUDIO, I. (1995). Culture Alegre in *Isto É*, nº 1324. Editora Três, São Paulo.
7. SÁ, X (1995). KÁTIA, a Rainha da Caatinga in *Folha de São Paulo*. 26 de março, pág. 1-14.
8. CASTRO, D. (1994). Um homossexual é mono no Brasil a cada 4 dias in *Folha de São Paulo*, 20 de fevereiro, pág. 4-8.
9. ROPA, D. (1994). Ela é... o que você quiser in *Redescrições da Psicemcílise*. COSTA, J. R. (org.). Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
10. COSTA, J. F. (1992). *A inocência e o vício: estudos sobre o pornoerotismo*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.